

Índice

Poesia e Bíblia

Jorge Alves Osório, <i>Camões em Babilónia: «Sobre os Rios», Glosa de Salmo e Poética</i>	pág. 7
---	--------

A presente abordagem das redondilhas camonianas «Sobre os rios» traduz uma tentativa de analisar o poema no quadro das seguintes linhas de orientação: i) a sua relação com o Salmo «super flumina Babylonis», tendo em consideração os testemunhos manuscritos conhecidos da segunda metade do séc. XVI; ii) a relação entre o sujeito da enunciação e o destinatário possível do discurso, tendo em conta outros locais da Lírica onde Camões convoca o mais explicitamente; iii) a organização interna do poema, notando que a sua construção não oferece uma estrutura coesa bem vinculada; iv) a relação do poema com uma cultura lírica focalizada no sentimento amoroso, na qual convergem pelo menos três linhas de força: o código petrarquista, a tradição trovadoresca da lírica de corte, elementos da filosofia neoplatónica.

James Nelson Novoa, <i>Poesía y Biblia en el exilio marrano del siglo XVII: los casos de Miguel de Silveira y Jacobo Uziel</i>	pág. 41
--	---------

Esta contribución presenta las obras poéticas de Miguel da Silveira y Jacob Uziel, ambas publicadas en la primera mitad del siglo XVII, que plasman relatos bíblicos en clave épico, según los recursos de la épica renacentista. En un caso se trata de un autor portugués, oriundo de Celorico da Beira pero quien se trasladó a España y luego a Nápoles donde publicó su Macabeo. Poema Heroico, poema épico en 22 cantos, en 1638. En el otro se trata del doctor Jacobo Uziel, autor de quien no se sabe casi nada aparte que vivía en la isla entonces veneciana de Zante y que publicó su David Poema Heroico, poema épico en 12 cantos, en Venecia en 1624. En ambos casos los textos fueron incorporados al canon de escritores marranos y el origen judaica de ambos autores quedó establecido desde una fecha muy temprana a su aparición. Mientras que, en el caso de Miguel da Silveira, no tenemos noticias seguras de una conversión al judaísmo, todo indica que Jacob Uziel fuera judío creyente aunque en algún momento marrano o hijo de marranos. Nos interesa estudiar la posible especificidad de la cultura religiosa y bíblica de ambos: ligados por vínculos familiares al judaísmo pero educados y formados en contextos cristianos.

Maria Idalina Resina Rodrigues, <i>O Bom Samaritano vai ao Teatro</i>	pág. 69
---	---------

O trabalho centra-se no estudo de algumas apropriações dramáticas da parábola do *Bom Samaritano* por autores peninsulares dos séculos XVI e XVII, examinadas não apenas,

nem talvez principalmente, a partir de um cotejo com a narrativa de São Lucas, 10, 25-38, mas sobretudo tendo em conta determinadas glosas medievais que dela se fizeram. Por isso se inicia a exposição com referências comentadas a textos de Santo Agostinho (*Questiones evangeliorum, liber secundus*), de Beda (*In Lucam Evangelium expositio*) e de Walafrid Strabo (*Glossa Ordinaria*), procurando distinguir o que neles é comum (o corpo fundamental) do que, acidental, mas intencionalmente, muda.

Segue-se uma apreciação da *Obra da Geração Humana*, de anónimo quinhentista português, que da, parábola, se ocupa em dois momentos: na introdução em moldura de teatro no teatro, e, na parte final, quando o protagonista representando Adão/Geração humana, em situação de viajante entre Jerusalém e Jericó, é assaltado por diabos transformados em ladrões, sem que as sua companheiras, Justiça e Razão, lhe possam valer, fica ferido e, depois de ter solicitado ajuda a um Sacerdote e a um Levita, é finalmente socorrido por Cristo/Samaritano que o conduz à Igreja/Estalagem onde tem o apoio de São Gregório, São Jerónimo, Santo Ambrósio e Santo Agostinho.

Na travessia por *El Peregrino*, de José de Valdivielso, numa idêntica viagem, mas, desta vez, em trama argumental mais complexa, encontramos uma personagem central parecida, também socorrida, antes do remate, por um Cristo/Samaritano, sem, no entanto, que Sacerdote e Levita tenham sido ouvidos, mas apenas comentados, na sua impossibilidade da prestação de assistência, por uma outra e muito significativa personagem, a Verdade que sempre está presente e actuante. Salteadores são um Luzbel despeitado e enraivecido e os vícios personificados que o servem, entre os quais, o Deleite tem lugar de destaque. Na Igreja/Estalagem estarão agora São Pedro, São João Evangelista e Santiago, bem lembrado como padroeiro de Castela

A letra da parábola será repetida numa espécie de apoteose cantada e bailada, como era comum no teatro daquele tempo, entre canções, um romancinho e algumas redondilhas. Finalmente, em *Tu Prójimo como a Tí*, de Calderón de la Barca, com grande sabedoria poética e capacidade estruturadora, conhece a parábola diversas formulações que oscilam entre uma espécie de sonhada visãoação, a recapitulação dramaticamente transfigurada da narrativa evangélica e a colocação de Sacerdote e Levita como antecedentes de Cristo/Samaritano, mais tarde presente na Eucaristia. O principal inimigo do Homem *viator* é agora a Culpa, com fortes e belíssimas tiradas explicativas do próprio texto de São Lucas, e, a seu mando, estão, disponíveis e serviçais, o Mundo, o Demónio, a Lascívia e outras figurações do Mal., em cenários que se vão sucedendo, com crescente aparato.

Conclui-se o trabalho com uma brevíssima referência à significativa alegoria da *viagem/dois caminhos* e com a chamada de atenção para um actual comentário à parábola que mostra o interesse da sua recapitulação numa época infelizmente desumanizada como a nossa.

Vanda Anastasio, *Alcipe e os Salmos* pág. 109

A paráfrase dos Salmos levada a cabo por D. Leonor de Almeida Portugal integra-se no movimento de interesse pela Bíblia a que se assistiu na segunda metade do século XVIII. A documentação conservada permite concluir que resultou de uma familiaridade antiga com o Saltério e de projecto desenvolvido em várias fases durante, pelo menos, duas décadas. A análise das três edições da sua Paráfrase, publicadas em 1817, em 1833 e 1844 permite tirar conclusões acerca das estratégias de Alcipe enquanto escritora e mulher de letras.

José Carlos Carvalho, <i>O grande código bíblico entre descodificações e interconexões</i>	pág. 155
--	----------

O autor procura demonstrar como o texto bíblico adquiriu um estatuto universal na cultura humana ao longo dos tempos devido à sua linguagem universal. Assim, apresentam-se e discutem-se alguns exemplos, procurando uma aproximação entre o texto bíblico e a cultura e a filosofia. O autor ensaia deste modo um percurso que vai para além do conhecimento gramatical e estrutural do texto, e muito deve à intuição de Frye, que considera o texto bíblico em primeiro lugar um grande e sublime código, o que não significa que se tenha tornado indecifrável. Pelo contrário, a história da narrativa do texto é mantida enquanto principal e fundamental auxílio para o decifrar e para revelar o seu carácter paradigmático.

Recensões

M. Gabriela Torres Olleta, <i>Milagros y prodigios de San Francisco Javier</i> , Pamplona, Cátedra San Francisco Javier, Biblioteca Javeriana, 2005, vol. 6, 213 pp. (Cristina Osswald) 173; Anna Benvenuti, Sofia Boesch Gajano, Simon Ditchfield, Roberto Rusconi, Francesco Scorza Bacellona, Gabriella Zarri, <i>Storia della santità nel Cristianesimo Occidentale</i> , Colecção sacro/santo, Roma, Ed. Viella, 2005, 428 pp. (João Carlos Serafim) 178; <i>Millenarismo ed età dell'oro nel Rinascimento. Atti del XIII Convegno Internazionale drian-ciano (Chianciano-Montepulciano-Pienza. 16-19 Luglio 2001)</i> . A cura di Luisa Secchi Tarugi, Firenze, Franco Cesati Editore, 2003, 705 pp. (Alina Georgiana Anghel) 180; S. João da Cruz, <i>Obras Completas</i> , Avessadas, Ed. Carmelo, 2005, 912 pp. (Pedro Tavares) 182.....	pág. 173
---	----------

Crónica	pág. 187
----------------------	----------